

Sob o signo da desarmonia: conflitos familiares na ficção de Agustina Bessa-Luís

Under the sign of disharmony: family conflicts
in Agustina Bessa-Luís fiction

Maria do Carmo Cardoso Mendes
Universidade do Minho

PALAVRAS-CHAVE: AGUSTINA BESSA-LUÍS, FAMÍLIA, CONFLITOS.

KEYWORDS: AGUSTINA BESSA-LUÍS, FAMILY, CONFLICTS.

1. O valor da família na ficção de Agustina surge exemplarmente destacado num breve texto de *Caderno de Significados*:

A família nos meus livros tem um lugar muito expressivo. Não tanto como instituição, mas como um suporte de solidão.

Os homens, com a tendência ao egoísmo, são em geral simpáticos e melancólicos. Não pedem para ser eternamente amados, mas ser amados enquanto o desejam. [...]

Na família, tal como era constituída, havia a coragem de mandar, a coragem de obedecer, a força para agir e a confiança para esperar. Presentemente, tudo isto está perdido pela angústia de estar perdido. Há mais de cem anos que as coisas se passam assim. (Bessa-Luís, 2013, pp. 17-18)

Esta reflexão revela, por um lado, a importância que a escritora concede à família na sua ficção narrativa e, por outro, a consciência de mudanças nas relações familiares. Dessa consciência dá conta um outro texto de cariz sociológico pertencente ao *Dicionário Imperfeito*:

A família mudou e todo aquele envolvimento que fazia parte da casa familiar, tanto nos meios menos abundantes como naqueles que eram a família burguesa, se perdeu e eu acho que isso era muito mais genuíno do que a família nuclear de hoje – pai, mãe e um reduzido número de filhos. Os atritos não encontram aquela atmosfera mais diversa, que absorvia as paixões, que lhes dava uma transcendência. Agora, sustentar essa família, no aspecto social e moral, é mais difícil, senão injustificado. (Bessa-Luís, 2008, p. 106)

É também no *Dicionário Imperfeito* que Agustina sustenta que “Sem conflito, a sociedade atrofia-se” (Bessa-Luís, 2008, p. 179). Como atenta observadora do comportamento humano, a escritora sente que a onnipresença da família não supre, todavia, a solidão que acaba por impor às suas personagens.

As observações até agora consideradas permitem relevar a dimensão conflituosa que organiza as relações familiares nos romances agustinianos. Por razões de economia de tempo, concentrar-me-ei nas desarmonias familiares veiculadas por algumas narrativas, organizando-as em função dos seguintes critérios: relações marido-mulher; pai-filha; irmãos.

2. Numa secção do romance de 1967 *As grandes mudanças*, sugestivamente intitulada “As casadas”, Agustina assenta na conflitualidade conjugal no princípio de transformação do comportamento feminino no casamento. Num texto onde opõe passado e presente, defende valores tradicionais corporizados nas mulheres casadas como sustentáculo de casamentos harmoniosos (ou da sua aparência), contrastando-os com a transformação contemporânea:

Faziam-se respeitar pela virtude austera, a dedicação generosa, o hábito de se reconhecerem inferiores e desajeitadas para o mundo da lógica. Mas, na realidade, elas ocupavam um lugar sinistro na vida improvisada dos homens. Fiscalizavam as suas amigadas, impunham os seus princípios [...], legalizavam a opinião pública com o exemplo duma ética já provada. Tinham sido educadas com duas máximas radicais: a infidelidade dos homens e o antagonismo do bem e do mal. (Bessa-Luís, 2014, p. 193)

Mas como o tempo desta narrativa é outro – o das “grandes mudanças” –, Agustina insiste nas transformações que ele também operou no comportamento da mulher no casamento e que viriam a gerar discórdias explícitas e não veladas como no passado.

Os conflitos entre homens e mulheres pautam-se por vezes na ficção de Agustina pela impossibilidade do diálogo. Impõe-se a incomunicabilidade em narrativas como *A Sibila* e *Vale Abraão*. As mulheres encaram os maridos como inconstantes, débeis, dispostos às

aventuras extraconjugais, à dissipação do património familiar e mesmo à dissolução da família. Observe-se o retrato de Francisco Teixeira e dos filhos que teve com Maria em *A Sibila*:

Abílio morreu ao passar apenas a adolescência, de regresso já duma tentativa de fortuna no Brasil. João e Abel conseguiram posições que os ascendiam à burguesia. Mas todos eles eram muito do pai; volúveis, fracos com adutores e com mulheres, moralmente a tender para a cobardia das responsabilidades [...].

Começavam a fazer-se visíveis os resultados da fanfarronice de Francisco Teixeira. O desequilíbrio doméstico tomava, com o tempo, uma feição mais grave. Os gastos do amo, o seu profundo desleixo das terras, obrigavam agora a família a uma estrita temperança. Às vezes o dinheiro faltava para pagar as jornas, para comprar o gado necessário à lavoura [...]. Naquela casa, donde o homem ficava ausente largos dias e onde o pulso dele parecia indeciso ou sem vontade, [Maria] sentia-se sobrecarregada com um grande fardo que talvez a sua vida inteira fosse impotente para carregar. A presença de Francisco não a afligia menos que a sua ausência porque, velho ganhão dedicado quase ingenuamente às verduras da mocidade, perseguia muito as caseiras jovens. (Bessa-Luís, 1985, pp. 33-34)

Embora sinta revolta e angústia, Maria termina por resolver os conflitos com o marido através de “desesperos mudos, e a sua reprovação manifestava-se apenas pelo “silêncio”, pelo trabalho “até à exaustão” (Bessa-Luís, 1985, p. 20) e pela privação de alimentos.

Um caso dramático de desarmonia conjugal é representado na narrativa *As Grandes Mudanças*. O desprezo que o senhor Nonato sente pela esposa é compensado por uma dedicação absoluta a uma plantação de oliveiras nas quais vê espelhados os humores variáveis de todas as mulheres e com as quais estabelece um relacionamento de natureza amorosa: se a mulher “nunca lhe dera alegria nem orgulho, sempre o recebera com suspiros agoirentos, nunca entendera nada da podridão e da ternura de um homem [...]”. Eram de facto inimigos” (Bessa-Luís, 2014, p. 189), as oliveiras proporcionam-lhe um afeto desinteressado: “debulhavam-se em fruto são e perfeito. Não pediam em troca protecção nem lisonjas” (Bessa-Luís, 2014, p. 189). A hostilidade entre marido e mulher termina dramaticamente, numa noite em que Nonato a estrangula.

Não será despropositado lembrar que há personagens masculinas da ficção de Agustina que exercem uma violência doméstica duradoura. Assim se verifica com a reflexão da criada Celsa Adelaide em *Jóia de Família* (primeiro romance da trilogia *O Princípio da Incerteza*) que recorda o seu marido como “violento com o vinho, e com o sexo, e que lhe batia” (Bessa-Luís, 2001, p. 27).

Para diversas personagens femininas da ficção de Agustina o casamento é entendido como um projeto que convém a pais cautelosos e ciosos de manutenção de valores sociais. No romance *Vale Abraão*, o casamento de Ema Cardeano constitui a concretização de uma conveniência paterna – o pai “queria-a criada no bom exemplo e confiada nos homens, que é sempre garantia de paz doméstica” (Bessa-Luís, 1991, p. 13) – que não encontrará correspondência real. Na verdade, Ema torna-se para o futuro marido, Carlos Paiva, uma presença temível porque muito distante da “submissão fútil em que se criara” (Bessa-Luís, 1991, p. 35). O casamento apresenta-se a Ema como uma distração que nem o nascimento das filhas, Lolota e Luisona, altera, pois com elas “não aprofundara as alegrias da maternidade”. Ema opta pelo desprendimento emocional do casamento e da maternidade. O que procura sem sucesso nas suas relações amorosas extraconjugais – “amar duma maneira heróica, abusiva, selvagem” (Bessa-Luís, 1991, p. 77) – é incompatível com o casamento e a natureza passível e previsível de Carlos.

No contexto social que a rodeia, Ema apropria-se de prerrogativas masculinas – sobretudo a iniciativa na sedução, enganando o marido e os amentes – e por isso mesmo termina por ser pejorativamente designada pelas próprias mulheres – as severas proprietárias de *Vale Abraão* – como “a melra, vocábulo que se estendia a toda a mulher que desvia os homens e que os transforma em picado enlatado” (Bessa-Luís, 1991, p. 230). Não se afeiçoa a Carlos, que considera um homem “mediocre”; liga-se a ele apenas pela “habitualidade do casamento” (Bessa-Luís, 1991, p. 249).

Ema pode entender-se como contraponto feminino do protagonista de *A Quinta Essência*: para José Carlos Santos Pessanha, o primeiro casamento e um envolvimento amoroso fugaz são impelidos por vetores superficiais como a simbologia do nome próprio ou a memória de uma figura estrangeira. Assim, o nome da primeira mulher, Débora, “que quer dizer abelha”, “teve importância para a escolha dele; símbolo de doçura, a abelha é bem vista pela sua determinação no trabalho e o fabrico do mel de que ela própria não irá dispor. Mas a abelha pode também ser irritada e perseguir quem tocar na sua colmeia” (Bessa-Luís, 1999, p. 24). Já no caso de uma relação breve com Carolina, só a inicia porque “lhe dava a impressão de partilhar a cama com a princesa do Mónaco. De tal modo o efeito da notícia nos média influía até nos espíritos elevados” (Bessa-Luís, 1999, p. 32).

3. Embora o afeto não esteja ausente do relacionamento entre pais e filhos (ou mais propriamente filhas) na ficção de Agustina, é sob o signo da impossibilidade de os manifestar ou então de uma concretização que contraria sentimentos profundos que parece organizar-se tal envolvimento. Na narrativa *Homens e Mulheres* (datada de 1966 e incluída

em *A Bíblia dos Pobres*), Agustina traça do seguinte modo a relação entre Abel Seco e a filha Ana Bolena:

Se amava a filha, o entendimento rude não lho revelava. Gostava, sim, de a ver humilhada, remendona, com os cabelos cortados pelos carregos, as unhas pretas da lavoura. E, pouco a pouco, Ana Bolena fez-se o homem da casa. Habitou-se a remediar a desgraça com a força dos braços e o engenho do negócio. Comprava, vendia, contratava, deixou de viver um cativo morto [...]. O pai fez-se lambão e triste, comia muito e desleixava os campos. (Bessa-Luís, 2014, p. 30)

A conflitualidade subjacente ao envolvimento pai-filha e a inversão de papéis tradicionalmente confiados a homens e mulheres encontram-se radicalizadas no romance de 1989, *Eugénia e Silvina*. A permanente hostilidade que domina a relação entre João Trindade e a sua filha Silvina é apontada como uma das presumíveis (embora não inteiramente esclarecidas) motivações para o parricídio, um acontecimento real ocorrido na região de Viseu em 1925. O enfrentamento que precocemente os opõe – dominado sobretudo pela convicção de Trindade de que a filha é “má rês e viciosa herdeira da sua fortuna” (Bessa-Luís, 1989, p. 12) – deixaria uma marca indelével em todo o relacionamento de ambos até ao assassinio do pai na Fonte das Feiticeiras. Lentamente, Silvina domina o pai e a propriedade, assume comportamentos masculinos e toma decisões nas quais Trindade se deixa manipular completamente, acabando por assumir traços de feminilidade:

Deixou-se facilmente apanhar na dependência da filha e delegou nela grande parte das suas responsabilidades nas terras e nos negócios. Foi isso que os manteve unidos tanto tempo, essa ética de autonomia que ela aproveitou como técnica de aprendizagem [...] Todos a conheciam por Silvano. Era de génio viril e habituada a tomar decisões”. (Bessa-Luís, 1989, pp. 151 e 203)

Sujeita na adolescência a um teste de virgindade e só reconhecida como filha quando atinge a maioridade, Silvina mantém com o pai uma relação sempre tensa que se torna pretexto para especular sobre a possibilidade do parricídio. Numa perspetiva hegeliana, desenvolve-se entre ambos uma relação escravo-senhor: Trindade não abdica da sua tirania sobre a filha e todas as mulheres que o rodeiam, qualificando-as como “interesseiras e maliciosas” (Bessa-Luís, 1989, p. 176); ao mesmo tempo, não consegue viver senão dependente das decisões que esta toma nos negócios e na condução da propriedade; Silvina, por sua vez, não esconde o ódio que a enfrenta ao pai, mas sente que a sua existência depende dessa presença que alimenta diálogos acesos e discussões agressivas.

4. A conflitualidade que envolve as relações familiares na ficção de Agustina não exclui os envolvimento entre irmãos. Já na narrativa de 1967, *As grandes mudanças*, encontramos essa marca de desarmonia entre irmãos a propósito das relações entre os Watusi: o mais velho é invejado pelos restantes irmãos que, “embora se mostrassem com ele, prestáveis, lúcidos, e até abnegados, [...] Eram como Caim, lesto em preparar a traição, condenados a cumpri-la [...] a inveja arrastava-os sempre um passo mais além” (Bessa-Luís, 2014, p. 183).

Em *O caçador Nemrod*, o mesmo antagonismo opõe dois irmãos, Heitor e Camilo, entre os quais “havia uma querela misteriosa e muito antiga, um amor relutante e despido de simpatia que se traduzia numa ofensa prolongada, de convívio azedo e nunca injusto, de resto” (Bessa-Luís, 2014, p. 420).

Os relacionamentos entre irmãos revelam, em Agustina, conflitos permanentes que se alimentam ao longo dos anos, muitas vezes em intrigas, e que contribuem para agudizar a desarmonia familiar

5. Em jeito de conclusão breve, destaco dois aspetos que concorrem para sistematizar a desarmonia que define as relações familiares na ficção narrativa de Agustina:

Primeiro aspeto: nos romances agustinianos, as relações familiares desenvolvem-se habitualmente sob o signo da discórdia. Encontrámo-la representada em relações conjugais, filiais e de irmãos, tal como podemos encontrá-la em laços sanguíneos menos próximos como, por exemplo, os que o protagonista de *O Mosteiro*, Belchior Teixeira, estabelece com as suas tias nos breves períodos de férias. Para Belche, a tia Matilde é “velhaca e má”, a tia Noémia provoca-lhe “repugnância”, a linguagem da avó e das tias é grosseira e até o envolvimento com a mãe, na adolescência, é penoso cada vez que ela tenta abraçá-lo.

Segundo aspeto: Diversas diegeses são histórias de famílias onde Agustina “desmente o discurso normativo da ‘santificação’ da família, substituindo-o por uma narrativa povoada de referências sentenciosas, cruéis umas, outras sibilinas [...]. São imagens de famílias vistas do lado de dentro da sua intimidade” (Toldy & Ramos, 2008, p. 340). Nesta intimidade desvendam-se conflitos e lutas de poder simbólico, sexual e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bessa-Luís, A. (1985). *A Sibila*. Lisboa: Guimarães Editores.
 Bessa-Luís, A. (1989). *Eugénia e Silvina*. Lisboa: Guimarães Editores.
 Bessa-Luís, A. (1991). *Vale Abraão*. Lisboa: Guimarães Editores.
 Bessa-Luís, A. (1999). *A Quinta Essência*. Lisboa: Guimarães Editores.
 Bessa-Luís, A. (2001). *O Princípio da Incerteza. Jóia de Família*. Lisboa: Guimarães Editores.
 Bessa-Luís, A. (2008). *Dicionário Imperfeito*. Lisboa: Guimarães Editora.

Bessa-Luís, A. (2013). *Caderno de Significados*. Lisboa: Babel.

Bessa-Luís, A. (2014). *Elogio do Inacabado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Toldy, T. M. & Ramos, C. T. (2008). As mulheres em Agustina: uma incursão no imaginário subjacente de A Jóia de Família. In Isabel Ponce de Leão (org.), *Estudos Agustinianos* (pp. 339-346). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

RESUMO

Na ficção de Agustina Bessa-Luís, as histórias de famílias são moldadas por episódios de violência declarada ou velada, que se manifestam em conflitos conjugais e em relações de sangue.

Este ensaio tem dois propósitos principais: 1) mostrar que os romances de Agustina cumprem inteiramente a afirmação da narradora em *Caderno de Significados*: “a família nos meus livros tem um lugar muito expressivo. Não tanto como instituição, mas como suporte da solidão”; 2) Identificar os mais relevantes conflitos familiares dos romances da autora, por exemplo os que se encontram em *As grandes mudanças*, *Eugénia e Silvina*, e *Vale Abraão*.

ABSTRACT

In Agustina Bessa-Luís' novels, family stories are often shaped by episodes of exposed or veiled violence expressed in marital conflicts and blood relations.

This paper has two main purposes: 1) To show that Agustina's novels fully accomplish the writer's assertion in *Caderno de Significados*: “Family in my books has a very significant place. Not so much as an institution, but as a support of loneliness; 2) To identify the most significant family disputes in the author's novels, namely those found in *As Grandes Mudanças*, *Eugénia e Silvina*, and *Vale Abraão*.